Moreira JR Editora



02/12/11

# Nos bailes da vida: a música facilitando a reflexão na educação médica

Dances in the life: music facilitating reflection in medical education

#### Marco Aurélio Janaudis

Médico (Jundiaí, 2001). Doutor em Ciências (FMUSP, 2011). Professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí (2008). Secretário Geral da SOBRAMFA - Sociedade Brasileira de Medicina de Família.

#### **Pablo González Blasco**

Médico (FMUSP, 1981). Doutor em Medicina (FMUSP, 2002). Membro fundador (São Paulo, 1992). Diretor científico da SOBRAMFA - Sociedade Brasileira de Medicina de Família. Membro Internacional da Society of Teachers of Family Medicine (STFM).

# Margareth Ângelo

Professora titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Criadora e coordenadora do Grupo de Estudos de Enfermagem em Família.

#### **Paulo Andrade Lotufo**

Professor titular de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP em regime de dedicação exclusiva. Investigador principal do Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA-São Paulo).

Contatos Dr. Marco Aurélio Janaudis: E-mail: marcojanaudis@sobramfa.com.br

Out 11 V 68 RBM Especial Oncologia

Unitermos: música, humanismo, educação médica, educação de graduação em medicina, ensino Unterms: music, humanism, medical education, undergraduate medical education, teaching

# **Sumary**

Introduction: Music is not a widely used tool in medical education. It has unique features. Topics of interest in learning medicine as loss, compassion, sorrow, solidarity can be identified and used in a pedagogical process. Music deals with the student's emotional universe. Objective: To grasp the impact of music as an educational resource within medical students' experience. Methodology: The research follows a qualitative approach. We played songs during sessions in the family medicine clerkship. Twelve students who attended this course agreed to participate in the specific research. Interviews were taped, transcribed and then interpreted according to the hermeneutic perspective. Results: Students realize that medical school's appointments are quite overwhelming, not allowing them to reflect on their own life, neither on their educational process. The music experience foster students to listen to their own feelings and share them with their peers, even with the teachers. Memories and feelings came up and surprise the learners since they were not aware of those deep issues. These surprises portraying their feelings converged in themes or categories. Conclusion: The music experience brings up a broad spectrum of possibilities in medical education. The teaching process is much more than contents transmission: it deals with promoting significance and meaning to motivate learners. As the basic experience we have of the world is emotional, and the music awakes memories and emotions, the music experience configures a familiar scenario in which is possible foster reflection among medical students. From music through reflection, transforming the everyday practice and transforming medical students themselves: those are the suggestive

results emerging in this experience.

Numeração de páginas na revista impressa: 7 à 14

Cantar era buscar o caminho Que vai dar no sol Tenho comigo as lembranças do que eu era Para cantar nada era longe tudo tão bom Até a estrada de terra na boleia de caminhão Era assim

(Nos Bailes da Vida - Fernando Brant / Milton Nascimento)

#### Resumo

Introdução: A música é instrumento pouco utilizado no ensino médico. Ela possui características únicas. Temas de interesse no aprendizado médico, como a perda, a compaixão, a tristeza e a solidariedade, podem ser identificados e utilizados em processos pedagógicos. A música permite lidar com o universo afetivo do aluno. Objetivo: Apreender o impacto da música como recurso pedagógico na experiência do estudante de medicina. Metodologia: A pesquisa segue uma abordagem de natureza qualitativa. Utilizaram-se músicas durante as aulas do internato médico. Participaram 12 estudantes que cursaram essa disciplina. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, em seguida, interpretadas segundo a perspectiva hermenêutica. Resultados: O aluno percebe que o ritmo imposto pelo curso médico não lhe permite pensar, refletir, seja em sua própria vida, seja em sua formação. A experiência com a música permite ao estudante ouvir seus próprios sentimentos e compartilhá-los com o professor e com seus colegas. Ele se surpreende com lembranças e sentimentos que vêm à tona e que desconhecia ou dos quais não se lembrava. Esses sentimentos estão apresentados em temas. Surgiram assim diversas categorias temáticas. Conclusão: Os resultados encontrados na experiência com a música se apresentam em amplo espectro, oferecendo inúmeras perspectivas de desdobramento no âmbito da educação médica. Como a experiência básica que se tem do mundo é emocional, a música adquire força educacional, pois o processo de ensinar não se limita à transmissão de conteúdos; mais que isso, implica processos de desenvolvimento de sentidos e de significados para permitir que o estudante reflita e transforme a prática cotidiana.

# Introdução

Existe uma atenção crescente pelas humanidades nos círculos de educação médica. A literatura e as artes em geral são recursos de utilidade para ensinar aspectos particularmente difíceis, pouco concretos, embora fundamentais, no contexto educacional. Assim, lidar com as limitações, empatia, tolerância, compaixão, ambiguidade e incerteza, elementos com que o médico se defronta diariamente, por meio da ficção, tornam-se transparentes. Incorporar estes elementos no processo pedagógico da educação médica é um desafio tão complexo quanto necessário1,2.

O humanismo como parte da formação médica

O humanismo é parte da formação do médico para construir-se como um profissional capaz de entender e cuidar de seus pacientes3. Recurso que se mostra particularmente útil nesta missão é o ensino por meio das artes e humanidades, uma vez que elas facilitam a compreensão do ser humano e todo seu contexto4-7. Humanismo e Antropologia não são para o médico um simples apêndice cultural ou um complemento interessante na sua formação; representam a dimensão necessária de quem pretende compreender e cuidar com eficácia, além de constituir-se em recurso de conhecimento e de possibilidades humanas através do qual o médico constrói também a sua própria identidade8.

O humanismo é também fonte de conhecimentos que o médico usa para sua profissão. Conhecimentos que são tão importantes quanto os adquiridos por outros caminhos e que igualmente auxiliam no cuidado do ser humano enfermo. Para Gregório Marañón9, a formação humanística é tarefa e compromisso essencial do médico, fonte de conhecimentos, recurso instrumental na sua profissão: "O humanismo, ambicioso e ao mesmo tempo humilde, serve para amadurecer, para firmar e fazer prudente e eficaz o instrumento da profissão".

A incorporação das humanidades na educação médica tem como objetivos educacionais primordiais despertar atitudes e valores, muitas vezes inesperados nos próprios estudantes, que estão em função da escala de valores, da educação e da maturidade que cada um possui. Os objetivos não se medem tanto pelos resultados finais. Na verdade, este processo educacional por meio das humanidades se assemelha a uma viagem: importa mais o que se aprende durante o tempo que leva, do que propriamente o destino. Um processo que atenta mais para uma educação real e não para o simples treino10.

O jovem estudante chega às mãos do educador inserido numa formação que privilegia a informação rápida, o impacto emotivo, a intuição, em detrimento do raciocínio linear, lógico e especulativo.

Hoje em dia, corriqueiramente, observamos alunos manuseando seus celulares e IPODs enquanto assistem aula. Situação que vai desde a preocupação em atualizar seus contatos nas redes sociais até a busca imediata pela informação a um questionamento feito pelo professor ou alguma dúvida que tenha surgido durante a aula.

Não é apenas uma característica que diz respeito à educação e ao aprendizado, mas à própria vida na qual está inserido: uma cultura da pressa, em que a reflexão dificilmente tem vez. As pessoas se refugiam na velocidade, são impelidas ao presente, não conseguem pela pressa frequentar o passado. Trata-se de um contexto cultural em que predomina o fragmentário, o rápido, o sensorial, que, naturalmente, traduz-se em atitudes do imediato, dinâmicas, até impacientes11. A emoção é porta de entrada para construções lógicas posteriores. Quem está acostumado a guiar-se pelo sentimento, pela emoção, provocada na maioria das vezes por imagens ou sons, externas ou internas, dificilmente aceitará raciocínios lógicos se a emoção não lhe facilita o caminho. Esta é a situação contextual em que a geração atual se situa. E dela temos que partir, se quisermos interagir satisfatoriamente no processo educacional6.

É preciso superar o dualismo prazer versus esforço no processo de aprendizado. Sendo evidente a imaturidade que consistiria em procurar o prazer sem esforço, vale pensar, por outro lado, na ineficácia de promover um esforço que tem de estar, a priori, desprovido de prazer. Talvez seja o momento de pensar em educar com esforço a partir do prazer, ou seja, que se pode aprender e, ao mesmo tempo, fazê-lo com prazer, divertindo-se. A dificuldade não é garantia de eficácia no aprendizado e o prazer, que se decorre da motivação clara e continuada, impulsiona a não poupar os esforços necessários para superar as dificuldades que, nesse ponto, configuram-se como elemento acidental, secundário11. Os médicos devem perder o medo de se conhecer, de apalpar suas emoções, que não podem ser amputadas, pois fazem parte da sua arte médica. A carência dessa atitude faz com que o médico tenha sido definido algumas vezes como um profissional de emoções atrofiadas12.

A música e o despertar para a reflexão

Certas canções que ouço cabem tão dentro de mim que perguntar carece Como não fui eu que fiz

Certa emoção me alcança Corta minha alma sem dor certas canções me chegam Como se fosse o amor...

(Certas Canções - Tunai/Milton Nascimento)

Saber lidar com o universo afetivo do aluno supõe pensar caminhos onde ele possa estar integrado no processo de formação. Não se trata apenas de respeitar a afetividade, nem mesmo de considerá-la presente, mas de saber utilizá-la no contexto educacional. Nesse sentido, elementos que possuem força empática afetiva, como a poesia ou o cinema, devem ser contemplados13. Promover a atitude reflexiva dentro de uma disciplina acadêmica requer primeiramente criar espaço formal para fazê-lo, ou seja, tempo previsto para desenvolver esta dimensão14.

Como a experiência básica que temos do mundo é emocional, a música, essa forma de conhecimento humano de tonalidade afetiva, adquire também força educacional, pois a educação não se resume à simples transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, caracteriza-se como um processo de desenvolvimento de sentidos e significados em que o educando, refletindo o mundo em volta, transforma a si próprio. A música culta abre caminho à reflexão. Auxilia a formação de cabeças pensantes, promove educação dentro de perspectivas amplas e se estende além da mera transmissão de saberes, privilegiando a concepção de educação como um processo aberto pelo qual se auxilia o homem a desenvolver sentidos e significados que orientem sua ação no mundo. Por isso, como o indivíduo é particularmente sensível à música, o educador acaba por encontrar nessa linguagem um poderoso agente motivacional, propiciador da construção de valores que transcendem os domínios da própria música e fundamentam sua ação no mundo15.

As artes visuais são veículos fantásticos de expressão de sentimentos e emoções; cinema e televisão entram nessa categoria. Arte é o modo mais sublime de expressar os sentimentos e, entre todas as artes, a música é um veículo privilegiado. A música tem um poder enorme de evocar e despertar os sentimentos sem nomeá-los, de um modo confuso, porém move o interior. A música potencializa, acompanha e expressa os sentimentos. A alegria se canta. A tristeza também16.

Música é uma ferramenta pouco utilizada por educadores no ensino do humanismo para estudantes de medicina e residentes. Possui características únicas que a tornam um excelente recurso educacional das emoções, humanismo e ética. Em poucos minutos, temas como perda, compaixão, tristeza, entre outros, podem ser explorados. Empatia, cuidado, dignidade, relação entre as pessoas e tópicos sociopolíticos podem ser abordados com o auxílio dela.

Em contraste com outros recursos artísticos, a música nos ensina a escutar. É um meio perfeito para aprendermos não apenas a ouvir as palavras dos pacientes, mas também o que há por trás delas, analisando cadência, volume, inflexão e tom de voz. O contrário também é verdadeiro, afinal não é somente o que o médico diz que o torna mais humano, mas também a palavra precisa, a tonalidade, o tempo com que coloca a mensagem e a linguagem corpórea. A música nos permite trabalhar com pequenos grupos, tocá-la em diversos aparelhos, em qualquer local e, talvez uma das mais importantes características: passar uma mensagem em, por exemplo, três minutos17.

Uma experiência com o uso da ópera, uma forma de arte não tão familiar para estudantes de medicina no Brasil, apontou que, quando introduzida num contexto didático, pode ser um bom método no ensino das humanidades18.

A análise do compositor e teórico Luiz Tatit19 prefere o termo canção. Ou melhor, diferencia música e canção. Em seu livro Elos de Melodia e Letra – Análise Semiótica de Seis Canções, ele afirma que canção não é música nem literatura. Canção é canção, resultado das relações entre letra e melodia. Com o auxílio da semiótica, ele descobriu que a melodia das canções reforçava o conteúdo das letras. Ambas produzem um efeito homogêneo que ele buscou desvendar em seu livro.

Fortalecemos então a ideia de se utilizar a música como um instrumento para fomentar a reflexão entre os estudantes de medicina, uma vez que se trata de linguagem de fácil assimilação entre os jovens20,21.

Metodologia: compondo a partitura!

Tomar o uso da música na prática educativa do estudante de Medicina como objeto deste estudo, sob a perspectiva fenomenológica hermenêutica, significa interrogar o sentido de ser estudante de Medicina.

Com duração de dez semanas, oferecemos um curso com uma vasta gama de situações clínicas, de vida, do ser humano e do seu entorno, que se mostrou ser um contexto adequado para a pesquisa. Como estratégia pedagógica, buscamos intercalar aulas de conteúdo mais reflexivo com aulas mais clínicas. Certos dias, falamos somente de temas como tosse, hipertensão, preenchimento de receituários, antidepressivos. Em outros, mesclamos com o conteúdo humanista, abordando o contexto do paciente e sua família, suas dúvidas, angústias, medos e dificuldades em lidar com esta nova situação: a doença. E discutimos também o contexto do próprio médico. Hoje em dia observamos que muito se fala com relação à figura do paciente e pouco se aborda a do médico, também com seu contexto de angústias, preocupações, carga horária extensa de trabalho, entre outras. Se quisermos de fato humanizar, teremos de cuidar de todos os humanos da história: médicos e pacientes! É nesse contexto em que as músicas são utilizadas para fomentar as discussões (Tabela 1).

Os participantes do estudo foram os estudantes do 1º ano do internato da Faculdade de Medicina da Jundiaí, 5º ano da faculdade, que cursaram a Disciplina de Saúde Coletiva. Em pouco mais de três anos de atividades, cerca de 200 estudantes foram expostos ao método. Participaram do estudo 12 estudantes, dez do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 22 e 26 anos, solteiros, nove mantendo relacionamentos afetivos. Dos participantes, sete eram procedentes da cidade de São Paulo e cinco eram do Interior do Estado. O projeto foi submetido à análise e aprovado por dois Comitês de Ética em Pesquisa: o do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo e o da Faculdade de Medicina de Jundiaí. A estratégia de coleta de dados foi a entrevista fenomenológica, pois ela permite captar os diferentes modos dos participantes vivenciarem a experiência. A entrevista tinha como finalidade criar um contexto relacional de confiança entre o pesquisador e o estudante de medicina e apreender o impacto da utilização da música na sala de aula.

A entrevista fenomenológica22 é uma maneira acessível de aproximar-se do aluno, este dotado de corpo e consciência, sujeito no mundo, com estrutura histórica e psicológica, poder de decisão e escolha, engajamento e abertura para o mundo. Coerente com este pensamento, a questão formulada adequadamente é a possibilidade de mergulhar no ser do estudante de medicina. Assim, neste estudo, foi pensada uma questão norteadora que possibilitasse a aproximação de sua existência no mundo da educação médica:

· Como foi, para você, a experiência com a música nas aulas que tivemos?

Após a apresentação da pergunta, o aluno era convidado a falar livremente sobre a questão. Durante a entrevista, somente foram utilizadas outras perguntas quando houve necessidade de facilitar ou estimular a continuidade do depoimento. Nesses momentos, o pesquisador intervinha, perguntando: "gostaria de falar mais alguma coisa sobre isso?",

Moreira JR Editora

Tabela 1

Título	Composição	Interpretação
Caçador de Mim	Luiz Carlos Sá / Sérgio Magrão	Milton Nascimento
Nos Bailes da Vida	Fernando Brant / Milton Nascimento	Milton Nascimento
Ciranda da Bailarina	Chico Buarque / Edu Lobo	Adriana Calcanhoto
Alma	Arnaldo Antunes	Zélia Duncan
Bola de Meia, Bola de Gude	Milton Nascimento	14 Bis
Uma velha canção Rock in Roll	Flavio Venturini, Vermelho, Murilo Antunes	14 bis
Me Olvidé de Vivir	Rafael Ferro	Julio Iglesias
O tudo é uma coisa só	Fernando Anitelli	O Teatro Mágico
Suspicious Mind	Mark James	Elvis Presley

"Você quer contar mais alguma coisa sobre sua experiência como estudante que não tenha abordado?", "Gostaria de dizer mais alguma coisa?". Além disso, diante de pausas longas do entrevistado, utilizava-se o recurso de repetir a última frase ou ideia apresentada, estimulando a continuidade do seu pensamento e depoimento.

Os depoimentos transcritos de entrevistas com 12 estudantes se mostraram suficientes para a construção dos resultados do estudo, evidenciados nas convergências e na saturação do processo analítico.

O período de coleta dos dados foi de junho de 2009 a fevereiro de 2010. O processo de interpretação foi focado na identificação de padrões e significados nos dados como um movimento contínuo entre o todo, as partes e o todo novamente. A primeira leitura da transcrição das entrevistas nos levou a um diálogo profundo com o texto, a fim de se extrair uma compreensão preliminar – um senso do todo – do significado das narrativas. A análise começou identificando similaridades e diferenças na descrição das experiências dos estudantes. Experiências similares foram divididas em categorias.

Posteriormente, o processo interpretativo continuou em uma tentativa de explicar o significado subjacente nos dados. Isso significa que as explicações preliminares foram testadas em um diálogo interpretativo sobre a forma como cada tema poderia ser entendido23,24. Uma descrição detalhada da metodologia e da análise dos dados pode ser encontrada em nossa tese de doutorado25.

Ecos musicais: a resposta dos alunos

Há um menino Há um moleque Morando sempre no meu coração Toda vez que o adulto balança Ele vem pra me dar a mão

(Bola de Meia, Bola de Gude - Milton Nascimento)

O processo de compreensão da experiência dos estudantes possibilitou o desvelamento de um fenômeno que engloba o seu mundo interno, enquanto se ocupa com sua formação médica. A música que toca do lado de fora ressoa na história e nas emoções do estudante. O momento de ouvir a música se torna o momento para ouvir o seu interior, fazendo ressoar dentro do aluno sons, ritmos e melodias que o tocam e que, de algum modo, modificam e revelam uma nova possibilidade de ser e estar nesse momento de formação profissional. Um misto de sons e informações vem à tona, desde o próprio curso até a vida pessoal. Tudo no estudante pode ser tocado pela letra e pela música e, não é sem espanto, que ele constata esse aspecto da experiência, sobretudo, o quanto está afastado de suas

experiências. O aluno percebe que o ritmo imposto pelo curso médico não lhe permite pensar, refletir, seja em sua própria vida, seja na sua formação. Apresentaremos os resultados em categorias, de acordo com os depoimentos dos estudantes e estas serão ilustradas com trechos das falas dos alunos.

# 1. Ouvindo seus próprios sentimentos: o impacto da música

A experiência com a música permite ao estudante ouvir seus próprios sentimentos e compartilhá-los com o professor e com seus colegas. Ele se surpreende com lembranças e sentimentos que vêm à tona e que desconhecia ou dos quais não se lembrava. Estes sentimentos estão apresentados em temas que organizam a experiência afetiva do estudante, mobilizada pela música.

E, por alguma razão, música faz despertar exatamente aquilo que muitas vezes falta para quem vive num mundo moderno principalmente para o estudante de Medicina atual...

... a capacidade que a gente tem de pegar coisas simples e bem acessível que é a música e às vezes se basear um pouco nela. Deixar um pouco... esquecer um pouco essa parte burocrática de... sempre material didático, achar que só isso é que vale como ensino médico.

...eu acho que outras músicas poderiam se adequar a outras situações da minha vida ou de qualquer outra pessoa, de uma forma não consciente, não controlada de se... de se envolver, de fazer refletir, de mexer de uma forma sem necessariamente ser lógica.

"a música é algo muito representativo para diversas culturas. Ela certamente nos ajuda a pensar, refletir e até tomar certos rumos em nossas vidas quando passamos alguma situação"

"a música de alguma forma promove, ou permite, mais facilmente, um estado de introspecção"

"Trazê-las para as aulas nos dá a oportunidade de refletir um pouco sobre quem somos, quem nos transformamos, como tratamos as pessoas do nosso convívio"

## 2. A busca de si mesmo: o ressoar dos sons do coração

Por tanto amor Por tanta emoção A vida me fez assim Doce ou atroz Manso ou feroz Eu, caçador de mim

(Caçador de Mim - Luís Carlos Sá / Sérgio Magrão)

A trajetória do seu ingresso no curso de medicina é um tema significativo na experiência afetiva do estudante. O estudante de medicina frequentemente se depara com a pergunta sobre o motivo pelo qual escolheu seguir essa profissão e, em geral, encontra dois tipos de respostas. Uma voltada à questão da ajuda ao ser humano, a amenizar o sofrimento daqueles que dele padecem. Outra, que se refere ao sentido da carreira de médico como realização em sua vida, de modo que não se imagina fazendo outra coisa.

Comecei a fazer o curso e eu falei "caramba não tem nada a ver com o que eu imaginava". É muito teórico, teórico, teórico, eu gosto de gente, o contato que a gente tinha com gente não era um bom contato, pecava... faltavam algumas coisas e tal. Então, o que eu quero da minha vida? E a música me fez parar e falei "ufa! passei por aquela fase". Mas ainda não me encontrei totalmente, mas eu consegui caminhar.

Isso é uma coisa que eu achei muito tocante em todos os sentidos, porque desde que eu entrei para a faculdade, depois que eu decidi que eu queria Medicina, eu entrei na faculdade, eu nunca mais parei para pensar. Eu nunca parei para pensar, durante esses... sei lá, quatro anos e meio assim, por que eu tinha escolhido a

Medicina. Eu já pensei antes e tal, mas nunca parei para pensar e nunca parei para pensar se era isso mesmo, se estava de acordo com o que eu estava já, tipo, com o que eu pensava das coisas que estavam acontecendo na minha vida, estavam correspondendo ao que eu tinha pensado, ao que eu tinha imaginado, ao que eu queria. Isso eu lembro que me fez pensar muito, me fez refletir bastante sobre isso durante as aulas, independente dos temas que eram...

Ah! acho que foram momentos que a gente conseguia refletir, o que é difícil, a gente aqui na faculdade, acho que... muita a questão por exemplo, da música da bailarina, sabe, que fala aquela coisa do médico não se achar um ser perfeito.

## 3. O ritmo da juventude

Nossa linda juventude, página de um livro bom Canta que te quero cais e calor, claro como o sol raiou Claro como o sol raiou

(Linda Juventude - Flavio Venturi e Marcio Borges)

O estudante de medicina é geralmente jovem e acabou de deixar para trás atividades que fazia em seu dia-a-dia, que não lhe exigiam grandes responsabilidades, exceto empenhar-se nos estudos para entrar na faculdade de Medicina.

Não sei. Muitas vezes, questionamentos porque vinte e poucos anos, todos os meus amigos trabalham e ganham dinheiro e eu "paitrocinado". Sei lá, às vezes você fica "nossa, porque eu faço isso?". Acho que questionamento desse tipo eu tenho, tipo, no decorrer de todo o tempo assim, sabe? Às vezes, dá um tempinho livre, às vezes chego até a programar meu dia, "vou dar uma estudada aqui, mas hoje eu preciso bater umas fotos, por exemplo, hoje eu preciso tocar alguma coisa".

Se tem tempo livre, tem que estudar. Entendeu? Então se você quiser ver um filme, não é certo ficar estudando e não vendo o filme? Eles passam um pouco isso também. Então não sei se é certo ou errado, mas acabou ficando; será que está certo? Estou perdendo duas horas aqui podia estar estudando ou não, entendeu?

É. Acho que sim. De ter aquele tempo pra muitas vezes fazer ou buscar algum interesse. Sei lá, por exemplo, tá estudando e eu quis fazer um curso de fotografia, fui fazer curso de fotografia. Hoje eu não tenho tempo pra talvez fazer coisa desse tipo.

Mas antigamente quando eu estava no colégio tinha isso de imediato ali. Eu tenho minha tarde livre, eu não preciso ficar me focando cem por cento aos estudos. É aquilo que falei tipo eu estudava de manhã, saiu da escola: abraço!, ia fazer qualquer outra coisa. E agora não, agora é medicina de manhã, medicina à tarde e muitas às vezes medicina à noite pra ser um médico bom sabe?!

## 4. A família e a faculdade: ajustando o compasso

Tema muito recorrente na experiência afetiva do estudante é o conflito entre estar na faculdade e a distância da família. O aluno se sente culpado por muitas vezes estar fora de casa, cursando a faculdade em outra cidade, dando despesas, ao mesmo tempo em que sabe também do orgulho que é para os familiares poderem oferecer isso a ele.

Justamente a parte da música que fala a gente mal chega e já tem que partir, que é o que acontece comigo. Às vezes, eu chego em casa, eu fico no final de semana e já tenho que vir embora. E desse momento que eu saí da minha casa que fica em (...) pra fazer cursinho, eu sempre penso no meu pai, eu já perdi um avô longe de casa. Meu avô morava comigo, então você só recebe telefonema: "vem pra falar tchau". Entendeu?

# 5. Identificação com os colegas: um ritmo desafinado

O aluno reflete sobre seus preconceitos, seus julgamentos sobre os colegas.

Até comentei com minha mãe, eu achei que na faculdade de medicina as pessoas são menos cultas do que eu imaginaria que elas seriam entendeu? Muito bitolada, eu vou estudar técnica, vou estudar língua, vou estudar matéria médica. E muita gente sabe ver coisa na televisão coisa que eu não veria jamais, não ler livro... Esse tipo de coisa pra mim foi um pouco chocante, até comentei com a minha mãe. Eu achei que as pessoas iam ser cultas e não são todas assim. Por isso eu gostei desta aula, porque dá pra gente ter uma aula assim. Não é fugindo do tema, achei interessante isso.

...mas eu vi também nos outros em conquistas, pessoas assim que às vezes eu achava... são amigos meus, mas que eu achava que eu que nada a ver, eu falava, "imagina... tipo... que eles pensam alguma coisa assim". E aí, quando eu fui perguntar assim das coisas, eles falavam: "não, porque isso me fez pensar, gerou pensamentos, reflexões" de coisas, começavam a falar as coisas, que eu fiquei supersurpresa. Nossa! Então não é uma coisa que aconteceu só comigo, é uma coisa que foi generalizada.

#### 6. O cotidiano

"Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã..."

(Chico Buarque)

O aluno rapidamente se identifica com suas próprias experiências, situação real que vivencia em seu meio, quer seja escolar, quer seja familiar e passa a prestar atenção nos detalhes destas experiências, as quais muitas vezes passavam despercebidas.

"Nada mais natural refletirmos com a música, "a arte imita a vida", certo? O que acontece hoje, em meio a tantos contratempos da vida, é que os olhos ficam cansados de ver. Assim, esquecemos de reparar nos detalhes. A reflexão com a música não deixa de ser um deles, porque ouvimos música todos os dias, em todos os locais, mas são poucas as que paramos para entender sua letra, sua poesia e são poucas as que conseguimos relacionar com a nossa vida".

"Quando escutamos uma música, inconscientemente somos tocados por ela, seja por seu ritmo ou por sua letra, porém, quando a letra e a harmonia musical são captadas com atenção, imediatamente somos envolvidos e analisamos nossas experiências em comparação com a música"

## 7. Provocando a reflexão

Tem esse lado perturbador por isso, mas tem um lado de saber... me deu um alívio muito grande de pensar: "Putz – me deu um alívio muito grande, eu pensei agora!" (rs) "Deu tempo!" Eu não terminei ainda, não estou formada em nada e consegui tipo agora, pensei isso antes, caiu a ficha antes..."

Gran finale: música, emoções e educação

Os resultados encontrados na experiência com a música se apresentam em amplo espectro, oferecendo inúmeras perspectivas de desdobramento no âmbito da educação médica, conforme observamos nos temas surgidos.

A música se apresenta como desencadeadora da conversa entre professor e aluno e se mostra como um instrumento útil para que o estudante de medicina fale sobre si mesmo, sobre seu processo de formação educacional e pessoal e de suas expectativas como futuro médico. Essa oportunidade de conversa e reflexão

contribui para que o estudante resgate seus ideais de cuidar do próximo, do ser humano que busca ajuda e também resgate a si mesmo, seus sonhos, atitudes e valores de vida.

Assim, a experiência com a música nos revelou o estudante de medicina como alguém ativo, questionador e interessado em seu próprio processo formativo, como futuro médico e como pessoa. Mostrou também que está atento ao papel do professor e da própria instituição universitária.

A dimensão afetiva está representada por diversas manifestações, que a experiência com a música tornou transparentes. Desse modo, os questionamentos e as dúvidas levantados nas discussões decorrentes da interação com as canções estão ancorados no âmbito emocional e pedem oportunidade para serem trabalhados.

O impacto da experiência fez o estudante perceber o quanto se encontra afastado de si mesmo e as consequências negativas disso para sua formação pessoal, profissional e seu contato com os pacientes.

Consequentemente a esta necessidade de incorporação de novas metodologias, de um linguajar e de recursos que facilitem esse processo reflexivo, os resultados nos mostraram que a música tocou o coração do estudante e se mostrou um recurso capaz de quebrar barreiras de comunicação entre ele e o professor e o próprio processo educacional. Ao ser introduzida nas aulas, causou-lhe inicialmente surpresa, fez ressoar dentro de si os sentimentos que estavam ofuscados pelo tempo e pelo modelo clássico de ensino e possibilitou a evocação desses sentimentos. O estudante nos mostrou que, em certos momentos, deixar um pouco de lado o tradicional e utilizar um recurso diferente, como a música, num curso alicerçado nos modelos clássicos de educação, como o de Medicina, tornam o aprendizado mais acessível e a reflexão mais simples, utilizando os próprios adjetivos e exemplos citados nas entrevistas.

Nos aprendizados da vida, muitas das coisas mais importantes não se transmitem por argumentação, pelo raciocínio lógico especulativo. Os outros caminhos do aprendizado se aprendem com o amor que se coloque no processo de educar, porta de entrada que facilita a educação da afetividade26. Percebemos também que o estudante, quando em ambiente apropriado e longe dos colegas, acaba expondo suas ressalvas nos relacionamentos entre eles. Muitas vezes duvida da capacidade que o outro tem de assimilar, aceitar ou entender oportunidades diferentes como esta que se deu na experiência com a música. Num primeiro momento, julgam-se superiores aos demais, questionam se o outro aluno tem capacidade intelectual para aproveitar este tipo de situação. E depois, durante a própria entrevista, falando em voz alta, acabam refletindo e percebendo que estão fazendo julgamentos precipitados.

A música foi a desencadeadora das discussões e reflexões ocorridas em sala de aula e mencionadas neste trabalho, funcionando, desse modo, como instrumento de reflexão para o estudante de medicina.

As discussões a partir da utilização de músicas criam espaço propício, formal e espontâneo para uma livre discussão das expectativas, dilemas e motivações do estudante de medicina, pois a música amplifica, faz ressoar o universo do aluno, permitindo uma melhor expressão de sua afetividade. Promove-se uma atitude reflexiva, em que o aluno pondera e avalia as suas necessidades no próprio processo de formação acadêmica e pessoal.

O acesso à música, hoje muito mais democrático por meio de Ipods, MP3, rádios, canais de televisão e telefones celulares, a torna um excelente recurso para que o estudante continue exercitando a reflexão no seu dia-a-dia. Ele deixa de apenas ouvir e passa a escutar as canções.

A música funciona como um elo entre dois pontos: a necessidade da promoção da reflexão para o estudante de medicina e o instrumento que se utiliza para isso. A reflexão não pode acontecer ao acaso, de repente. Ela precisa de um ambiente propício que lhe permita fazer uma pausa nesse momento de seu aprendizado.

A utilização da música como um recurso humanístico em sala de aula cria um cenário propício para o estudante refletir sobre suas próprias experiências de vida. A metáfora musical rapidamente é trazida para vida real e deste modo permite que a essência humana ressoe em seu íntimo. Esta reflexão lhe permite crescer como pessoa e o habilita a ser não apenas o médico competente que sonhava, mas também um ser humano mais saudável, mais bem "resolvido", como se diz hoje. Torna-se mais flexível, atento e apto a cuidar, no mais amplo conceito, de si e do próximo.

Como qualquer outro recurso educacional, não é garantia absoluta de sucesso, mas certamente toca alunos e professores, os quais experimentam novas partituras, ritmos e sons com satisfação. Um caminho, portanto, que vale a pena explorar!

## **Bibliografia**

- 1. Shapiro J. Literature and the arts in medical education. Fam Med. 2000; 32(3):157-8.
- 2. Levites MR, Azevedo RS, Blasco PG. Construindo a motivação profissional na Medicina de hoje: reflexões humanísticas para lidar com a incerteza. RBM. Revista Brasileira de Medicina (Rio de Janeiro). v.68, p.13-18, 2011.
- 3. Blasco PG. O médico de família, hoje. São Paulo: SOBRAMFA; 1997.
- 4. Blasco PG. Literature and movies for medical students. Fam Med. 2001; 33(6):426-8.
- 5. Blasco PG. Educação médica, medicina de família e humanismo: expectativas, dilemas e motivações do estudante de medicina analisadas a partir de discussões sobre produções cinematográficas [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2002a.
- 6. Blasco PG, Gallian DMC, Roncoletta AFT, Moreto G. Cinema para o estudante de medicina. Um recurso afetivo/efetivo na educação humanística. Revista Brasileira de Educação Médica. 2005a; 29(2):119-28.
- 7. Blasco PG, Moreto G, Roncoletta AFT, Levites MR, Janaudis MA. Using movie clips to foster learners' reflection: improving education in the affective domain. Fam Med. 2006b; 38(2):94-6.
- 8. Monasterio F. Planteamiento del humanismo médico. Humanismo e Medicina. 1982. II Encuentro Cultural de la Sociedad Española de Médicos Escritores. Previsión Sanitária Nacional & Colégio Oficial de Médicos. Murcia; 1982.
- 9. Marañón G. La medicina y nuestro tiempo. Madrid: Espasa Calpe; 1954.
- 10. Downie RS, Hendry RA, Macnaughton RJ, Smith BH. The humanizing medicine: a special study module. Med Educ. 1998; 4:276-80.
- 11. Ferres J. Educar en una cultura del espectáculo. Barcelona: Paidós; 2000.
- 12. McWhinney I. A textbook of family medicine. New York: Oxford University Press; 1997a.
- 13. Blasco PG. Medicina de família & cinema: recursos humanísticos na educação médica. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002b.
- 14. Decourt LV. William Osler na intimidade de seu pensamento. Revista do Incor. 2000.
- 15. Sekeff ML. Da música, seus usos e recursos. 2ª ed. São Paulo: Unesp; 2007.
- 16. Aranguren J, Stork RY. Un ideal de la excelencia humana Fundamentos de Antropologia. 5ª ed. EUNSA, 2001.
- 17. Newell GC, Hanes DJ. Listening to music: the case for its use in teaching medical humanism. Acad. Med. 2003; 78:714-9.
- 18. Blasco PG, Moreto G, Levites MR. Teaching humanities through opera: leading medical students to reflective attitudes. Fam Med. 2005b; 37(1)18-20.
- 19. Tatit L, Lopes IC. Elos de melodia e letra Análise semiótica de seis canções. São Paulo, Ateliê, 2008.
- 20. Janaudis MA, Blasco PG, Alexander M, Levites MR, Moreto G. Teaching

humanities through music: experience with medical students. In: 42th Annual Spring Meeting of The Society of Teachers of Family Medicine; 2009; Denver, Colorado.

- 21. Janaudis MA, Santos T. O papel do cinema e da música na graduação médica. In: Anais do 13º Congresso Acadêmico e Internacional de Medicina de Família; 2009; São Paulo.
- 22. Carvalho AS. Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica. Rio de Janeiro: Agir; 1987.
- 23. Dahlberg K, et al. Reflective lifewords research. Suécia; 2008.
- 24. Gadamer HG. Verdade e método II. Complementos e índice. Petrópolis: Vozes; 2002.
- 25. Janaudis, MA, A música como instrumento de reflexão para o estudante de Medicina (tese). São Paulo, 2010. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.24. Janaudis MA, Blasco PG, Lotufo PA, Angelo M, The Sound of Music: Transforming medical students into reflective practitioners, In: 44th Annual Spring Meeting of The Society of Teachers of Family Medicine; 2011; New Orleans, Louisiana.
- 26. Pereira RTMC. Objetivos educacionais na pedagogia das humanidades médicas. Revista Brasileira de Educação Médica. 2008; 32(4):500-6.